

Finanças

Cresceu também a aceitação da moeda virtual no comércio do País, porém o uso efetivo do ativo nas compras ainda é pequeno. Volume de bitcoins negociadas avançou 50,7% em uma corretora

Aumenta a demanda por bitcoins para investimentos e negócio internacional

SISTEMA FINANCEIRO

Pedro Garcia
São Paulo
pedro.garcia@dci.com.br

● O volume de bitcoins negociadas por investidores no Brasil, bem como o uso da moeda para transações internacionais, cresceu em 2015, chegando a movimentar mais de R\$ 300 mil por dia em algumas corretoras que trabalham com a divisa virtual.

No Mercado Bitcoin, a maior casa do País, o volume de moedas negociadas cresceu 50,7% entre 2014 e o ano passado. O giro financeiro também aumentou, passando de R\$ 30,4 milhões para R\$ 34,7 milhões no período, movimentando uma média de R\$ 95 mil diariamente.

Na sexta, no fechamento da edição, cada bitcoin era cotada a R\$ 1.939 no Mercado Bitcoin e R\$ 1.874 na Bitcoin To You, outra grande corretora do Brasil. Em julho de 2015, quando o DCI fez outra reportagem sobre o assunto, a moeda era cotada a R\$ 979 no Mercado Bitcoin.

A volatilidade da moeda é um dos principais fatores que atrai investidores para o ativo, segundo executivos do setor consultados – entre janeiro e dezembro de 2015, a divisa valorizou 96,7%.

Considerado uma aplicação de risco, a moeda digital é usada para compor a carteira de investidores, explica o CEO do Mercado Bitcoin, Rodrigo Batista. “Pessoas que aplicam na Bolsa e em câmbio têm uma forma de diversificar a carteira”, afirmou.

Também avançou nas corretoras brasileiras o uso do ativo para remessas internacionais. Como a moeda pode ser enviada ou resgatada do exterior sem custos, esse tipo



Considerada uma aplicação de risco, a moeda digital é usada para compor a carteira de investidores

de transação deve crescer ainda mais nas corretoras neste ano, agora que o governo acabou com a isenção de imposto de renda para remessas estrangeiras de até R\$ 20 mil para gastos com turismo, saúde, educação e manutenção de dependentes fora do País.

“Para enviar recursos para fora é só escolher uma corretora do país de destino e selecionar a quantia desejada. Depois, é só sacar. Sem custos”, explicou André Horta, CEO Bitcoin To You

Batista afirmou que grande parte dos clientes que o procuraram para enviar para o exterior estava fazendo negócios fora do País. “São *freelancers* que fazem um trabalho no exterior e veem na bitcoin uma forma fácil e ágil de pagamento”, ponderou.

Outro ponto que alavancou a aceitação das bitcoins, que já são bastante populares nos Estados Unidos, na China e na Europa, foi a listagem de um índice para a moeda na Bolsa de Valores de Nova York, o NY-

SE Bitcoin Index, que passou a ser usado como referência para as cotações das corretoras em todo o mundo.

Segundo Horta, o ano de 2016 deve ser marcado pela institucionalização da moeda. O executivo disse que, em recentes reuniões autoridades em Brasília, gerou-se o entendimento de que ainda é cedo para se criar uma regulação para a moeda no Brasil, mas que a divisa não pode ser considerada ilegal.

Comércio

O site Coinmap aponta a existência de 7.507 estabelecimentos comerciais que aceitam bitcoin no mundo. No Brasil, estima-se que sejam mais de 200 pontos – somente em São Paulo, são 43 locais. Em 2013 eram cerca de 50 lojas no País e, em 2014, em torno de 150.

Apesar do avanço da aceitação da moeda virtual, o uso efetivo do bitcoin como meio de pagamento ainda é muito incipiente entre os brasileiros. Adolfo Delorenzo, sócio da

The Brownie Shop e responsável pelas operações de bitcoins da loja, conta que o estabelecimento começou a aceitar a divisa em outubro do ano passado. “Nós começamos como no comércio eletrônico e foi natural adotar novas tecnologias de pagamento”, explicou.

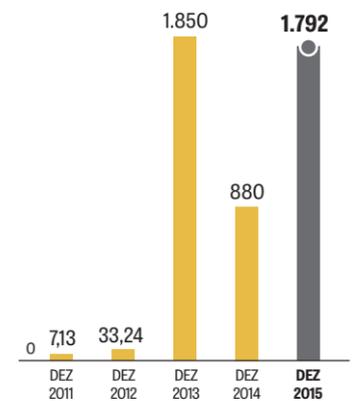
Como, diferentemente das credenciadoras (Cielo, Rede, etc.) e das facilitadoras (PagSeguro, Paypal), nas transações com bitcoins não são cobradas taxas, a moeda permite o aumento da margem dos lojistas ou a oferta de descontos.

Delorenzo disse, contudo, que são feitas, em média, somente duas transações por semana com a divisa virtual. “Quem conhece a bitcoin acha muito interessante. Mas, a moeda ainda não é muito divulgada”, observou.

Batista aponta que o uso da bitcoin como meio de pagamento ainda é uma solução complicada. “É preciso um número maior de pessoas para que o método se popularize”, afirmou, lembrando que a

MERCADO VOLÁTIL

Evolução do preço de 1 Bitcoin
► Em R\$



FONTE: MERCADO BITCOIN

Mercado Bitcoin atingiu a marca de 100 mil clientes no final do ano passado.

Os executivos estimam, entretanto, que o mercado deve continuar crescendo nos próximos anos e se tornar cada vez mais popular. “É igual música em MP3. No início, pouca gente usava. Hoje, é padrão”, disse Batista.

Mineradoras

As bitcoins são emitidas por empresas chamadas “mineradoras”, em uma analogia às companhias extrativistas. Essas empresas são responsáveis, em uma explicação simplificada, por extrair códigos de um conjunto de algoritmos virtuais e gerar as moedas.

Como as bitcoins não são emitidas por órgão governamental, o mercado de moedas virtuais não é regulado pelo banco central de nenhum país do mundo. No Brasil, o Banco Central afirmou que “as bitcoins não têm garantia de conversão para a moeda oficial”, nem qualquer outra garantia.

Contra risco, Banco Central decreta liquidação do Azteca

REGULADOR

● O Banco Central (BC) decretou na última sexta-feira, por meio do ato do presidente 1.319, a liquidação extrajudicial do Banco Azteca, instituição financeira de pequeno porte com sede no Recife.

A medida, de acordo com o documento, considerou o comprometimento da situação econômico-financeira, a existência de graves violações às normas legais e regulamentares que disciplinam a atividade da instituição e a ocorrência de prejuízos, sujeitando os credores quirográficos a “risco anormal”.

O ato do presidente tam-

bém nomeou José Augusto Monteiro Neto como liquidante do caso e a data da medida em 9 de novembro de 2015. Em nota, o BC explicou que o banco liquidado é autorizado a operar carteiras comercial e de crédito, financiamento e investimento.

De acordo com informações do regulador, a instituição possui apenas uma agência e detém 0,0005% dos ativos do Sistema Financeiro Nacional (SFN) e 0,0009% dos depósitos.

Ao apresentar esses dados, o BC sinaliza que o risco de contaminação ao SFN é baixo. A instituição informou também que cerca de 68% do total dos depósitos do banco contam com garantia do Fundo Garan-

tidor de Créditos (FGC).

“O Banco Central está tomando todas as medidas cabíveis para apurar as responsabilidades, nos termos de suas competências legais de supervisão do sistema financeiro”, trouxe o documento.

TOV Corretora

Na quinta-feira passada, o BC também decretou liquidação extrajudicial da TOV Corretora de Câmbio, Títulos e Valores Mobiliários por meio do Ato do Presidente 1.318. De acordo com o documento, a medida foi tomada após a consideração de “graves violações às normas legais”.

A corretora já foi citada em inquérito da Lava Jato, mas o BC já vinha observando operações suspeitas praticadas pela TOV e outras empresas também citadas na operação, mesmo antes serem incluídas no processo. /Estadão Conteúdo

BB e Bradesco negociam fatia de 49% do banco Citi na Elavon

AQUISIÇÕES

● O Banco do Brasil e o Bradesco, que já controlam a Cielo, estão em negociação para viarem sócios de mais uma empresa do segmento de aquisição, conhecido como o ‘mercado de maquininhas’.

Os dois bancos estariam negociando a participação de 49% que o Citi detém na americana Elavon, empresa que também opera transações de cartão de crédito e débito nos estabelecimentos.

As conversas já estão avançadas e o negócio pode ser anunciado em breve, segundo fontes. Uma das opções em estudo é a compra de to-

do o negócio no País pelos bancos brasileiros.

Para um executivo do mercado, o interesse pela Elavon pode estar relacionado à possibilidade de os dois bancos oferecerem um serviço mais barato que o da Cielo. Para outra fonte, porém, o negócio só faria sentido se as duas adquirentes fossem integradas.

O BB e o Bradesco instituíram em 2011 uma *holding*, a Elo Participações, para deter fatias em várias empresas. O BB detém 49,99% da Elo e o Bradesco, 50,01%. Na negociação da Elavon, falta definir que empresa da *holding* controlaria o negócio. Bradesco, BB, Elavon e Citi não comentaram o assunto. /Estadão Conteúdo